



IDE “Integração, Discipulado e Evangelismo”

Goiânia, 29 de setembro de 2022
“O crescimento do poder político da igreja”
SÉRIE: O CRISTÃO E AS ELEIÇÕES
Rm 13.1

INTRODUÇÃO

Hoje, chegamos ao final da nossa série intitulada “o cristão e as eleições”. O pouco que refletimos sobre a atuação de Deus nas altas esferas de poder político já nos permite ter ciência de que, ao longo da história da humanidade, Deus esteve presente atuando em todas as esferas da sociedade e, inclusive, na política. Vimos isso desde a história de José que aconteceu dentro do contexto do primeiro império da terra, ou seja, na primeira organização política de poder centralizado nas mãos de um líder e, nesse caso, nas mãos de faraó. Se pensarmos em termos de Novo Testamento, veremos que Jesus e Paulo foram também instrumentos de Deus nas altas esferas de poder, mas, nesse caso, não escolhidos pelos governantes e, muito menos eleitos pelo povo, como é o caso do nosso contexto histórico. Jesus e Paulo enfrentaram a oposição dos poderes políticos institucionalizados e, inclusive, sofreram por conta disso. Além de terem sido açoitados, embora tenham sido testemunhas de Deus diante de governadores e reis, pagaram com suas vidas, visto que foram mortos pelas autoridades, uma vez que era um contexto de perseguição, já nos tempos de Paulo, à igreja.

I – A perseguição da igreja ao longo da história

O Novo Testamento também nos mostra um contexto de intensa perseguição ao povo de Deus. Perseguição que levou à morte de muitos dos servos do Senhor. Foram presos, açoitados e mortos. Mesmo enfrentando imensa perseguição, a igreja continuou crescendo e a morte de muitos fiéis fortaleceu a fé dos que ouviram a Palavra de salvação, pois viam que, se eram capazes de enfrentar a morte por conta de Jesus, era porque Ele, de fato, havia ressuscitado dentre os mortos. A perseguição aos cristãos continuou intensa até o século IV. Em 311, o imperador Galerius ordenou a cessação da perseguição aos cristãos. Nesse contexto, o cristianismo passou a ser uma religião legal, mas era, apenas, mais uma religião dentro do contexto do Império Romano. Essa história vai mudar com a conversão do imperador Constantino. Há controvérsias sobre a sua conversão. O que é fato é que o Império Romano estava em crise e os cristãos aumentavam muito em número e, nesse caso, esse imperador viu uma oportunidade de tornar seu governo mais estável e, por isso, tornou o cristianismo a religião oficial do Império Romano e, portanto, promoveu uma reconciliação entre a igreja e o estado. Nesse contexto, é que surgem os debates teológicos mais intensos, pois era preciso definir, com precisão, as bases do cristianismo que não poderiam se desvincular dos ensinamentos dos profetas, de Jesus e dos apóstolos.

II – O poder político da igreja atual

A relação entre a igreja e o estado é, ao longo da história, uma relação de controvérsias e de muitas atrocidades cometidas ao longo da história. O que os crentes fiéis precisam entender é que Deus, sempre, tem o controle de todas as coisas e conhece o coração humano. Ele sabe quem são os seus fiéis, conhece os que, como Daniel, não se contaminam e sabe do interesse político dos governantes sobre a igreja e sabe do interesse de poder político que, muitos, que se dizem servos do Senhor, têm em relação ao estado. Então, sendo soberano, tem o controle de tudo, mas, mesmo sabendo de tudo isso, espera que os seus servos fiéis se posicionem para enfrentar essa luta e quer ter vasos escolhidos para levar a Palavra de Deus diante “dos gentios e dos reis”, At 9.15. Isso significa que Deus quer seus servos tendo oportunidade de ser testemunhas para as altas lideranças da terra. No nosso contexto, no contexto do Brasil, Deus não precisa permitir a prisão de um servo de Deus para ser posto diante de reis como foi o caso do apóstolo Paulo que, sendo preso, apelou para César e foi parar na capital do Império Romano onde pregou para toda a guarda do imperador. Deus não precisa disso porque a igreja cresceu e ganhou poder político. Ainda que os seus fiéis estejam misturados com os infiéis e, muitos, tenham interesses muito distintos dos de Deus, Deus age nesse contexto e nós, hoje, temos a oportunidade de colocar testemunhas de Deus nos altos comandos de poder por meio do nosso voto.

COMPARTILHAMENTO

Durante estes dois meses, você tem entendido que a POLÍTICA não é coisa de Satanás? Tem entendido que o que é de Satanás são as más ações de homens ímpios usados por ele na política?

CONCLUSÃO

A Palavra de Deus nos diz que *“nos últimos tempos, apostatarão alguns da fé, dando ouvidos a espíritos enganadores e a doutrinas de demônios, pela hipocrisia de homens que falam mentiras, tendo cauterizada a sua própria consciência”*, 1Tm 4.1-2. A igreja, no geral, caminha para uma apostasia, negação dos princípios da Palavra, ainda que continue usando o nome de Deus, mas Deus tem, em todo o tempo, um remanescente. Enquanto a igreja não for arrebatada, temos que ter a disposição de lutar contra o inferno que sempre se levanta contra Deus e isso inclui, necessariamente, a política, visto que, dessa esfera, saem as leis que governam nossas vidas. Esse é o tempo de participação política da igreja. Se há homens que têm interesses inescrupulosos, há outros que são verdadeiros embaixadores de Deus e querem estar no centro de decisões e fazer o nome de Deus ser exaltado.

Miss. Alessandra Grangeiro